

O ESPAÇO ENTRE:¹ A Corporificação da Fala e a Folkcomunicação

Maria Paula Maciel²

RESUMO

A oralitura valoriza a oralidade como transmissão e expressão de conhecimento, corporificada em manifestações culturais, é o espaço-entre escrita, fala e performance, um processo inherentemente folkcomunicacional. Este trabalho busca costurar os métodos da folkcomunicação com a técnica da oralitura, tomando por exemplo diversos trabalhos que utilizaram o conhecimento popular: a ideologia dos poetas populares (Campos, 1959), os estudos dos Congados Mineiro (Martins, 1997), as performances de transmasculinidades (Menezes, 2024) e a ancestralidade feminina do Bloco das Flores (Maciel, 2024). Essa pesquisa é a terceira parte de uma série de estudos que buscam realocar formas de pensar a oralidade na teoria de folkcomunicação realizadas pela autora.

PALAVRAS-CHAVE: Oralitura; Metodologias em Folkcomunicação; Performance; Cultura popular.

INTRODUÇÃO

O silêncio é oposto à fala? Alguns argumentam que o silêncio é uma poesia que preenche lacunas através discurso do personagem (Pollak, 1992). O silêncio viaja além do entendimento da palavra (Alonso, 2012 apud Maciel, 2025). Destarte, são captadas essências que não são parte da conjuntura, da história oficial, da memória de uma nação ou, até mesmo, da memória coletiva. Essas são chamadas “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989).

Essas memórias subterrâneas podem ser causadas através do silêncio, da proibição e da vergonha. Não é uma descoberta acadêmica afirmar que o Brasil passou e ainda passa por esses três processos. Na realidade, é quase que uma lógica tão clara que poderia ser aristotélica: sou Brasileiro, logo me esqueço. Entretanto: eu me esqueço ou sou forçado a esquecer? A nossa história afirma o segundo: desde a queima de arquivos da escravidão (Schwarcz, 2019) à

¹ Trabalho apresentado para o GT 1: Diálogos e Fundamentos Teóricos da Folkcomunicação integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Doutoranda de Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo e pesquisadora associada da Rede Folkcom. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pernambuco. Contato: mariapaulamacie@usp.br

impunidade dos militares e seus crimes cometidos durante o Golpe de 1964 (Memórias da Ditadura, 2023). No entanto, os esquecimentos vão muito além dos efeitos historiográficos acima citados, eles acontecem na marginalização de diversas camadas que revelam as consequências do Brasil que sangra até os dias correntes.

No entanto, como Pollak afirma: as memórias são subterrâneas, e não esquecimentos. Elas podem desaguar em rios de identidade cultural como alertou João Cabral de Melo Neto: “O rio ora lembrava /a língua mansa de um cão”. O silêncio não é oposto à fala, uma vez que dela ele não depende. No silêncio ocorrem as performances, processos mnemônicos de transformação e transmissão de conhecimento. Para relembrar e parafrasear o mestre Simas (2019): são os aprendizados produzidos nas frestas da história.

A folkcomunicação, em sua definição mais simples, pode ser concebida como o espaço que engloba os sistemas comunicativos existentes dentro da cultura, não é uma teoria que busca explicar a cultura ou a arte, mas sim os processos de comunicação que são revelados nas representações sociais e produções simbólicas (Amphilo, 2011).

Comumente conhecida como a comunicação dos excluídos, é o espaço para o estudo dos agentes e dos meios populares de informação e de fatos e expressões de ideias (Beltrão, 2014), considero que ela é a tradução dos gritos gerados nas lacunas do silêncio.

Em um avanço dos estudos da teoria, Marques de Melo (2008) criou a taxonomia da folkcomunicação, essa é dividida em (1) folkcomunicação oral, que abrange canto, música, prosa, verso, rumor, conversa, programa; (2) os visuais, que envolvem meio escrito, impresso, mural e pictográfico; (3) a icônica, que adota formato devocional, decorativo; (4) o gênero cinético, que pode se desdobrar em agremiações, celebrações, manifestações. Dentro desta, os atos de performance – que gritam nas lacunas de silêncio – podem ser compreendidos tanto na oralidade quanto no gênero cinético, entretanto não cabe perfeitamente em ambos.

A performance pode ser observada por pontos de vista duais: como um leque, onde as artes e práticas do cotidiano convivem lado a lado sem hierarquização. Ou como uma rede, onde os atos (ações humanas aprendidas socialmente, as artes) são transformados em performance ligados através de ressignificações e repetições que a longo prazo mudam a performance (Schechner, 1985; 1994).

A brasileira Leda Maria Martins (1997) voltou-se para os estudos de Schechner para observar a performance e as cenas rituais onde corpo e voz são porta bandeira dos saberes populares. Esse estudo, embora não classificado como, é essencialmente em seu valor, um

processo de comunicação folk, uma vez que foram conferidos os valores de oralidade na performance como transmissão de conhecimento, um processo que ficou conhecido como oralitura.

A oralitura pode ser considerada um espaço-entre oralidade, performance e escrita. É o processo do fazer da pesquisa com a cultura popular que envolve a participação, a escuta e a escrita do fenômeno estudado. A sua criadora, Leda Maria Martins, professora e letróloga, conduz as tessituras do povo através da busca da oralidade da performance.

Assim sendo, ao compreender que a língua é um ato político e criador de identidades (Hall, 2016) que perpassa o espaço da fala. As oralidades são parte também do silêncio, gesto, performance, lacuna, ruas, encruzilhadas, passos e instrumentos (Martins, 2003). Existem conhecimentos únicos à pequenas camadas – os chamados micro-lugares conferidos em Spink (2008), que são reproduzidos, às vezes adotados pela grande mídia (através de atos de folkway, folkmídia e folkmarketing). No entanto, apesar da encenação do popular (Canclini, 2003), existe um conhecimento inherentemente do povo que pode ser compreendido tanto na folkcomunicação, quanto na oralitura. Nesse contexto questiono como a oralitura e a folkcomunicação podem se relacionar na práxis da pesquisa?

A pesquisa se contextualiza no período em que a Rede Folkcom se reúne em uma pesquisa coletiva para repensar a folkcomunicação em tempos hiperespetaculares contemporâneos. Durante a pesquisa coletiva, diversos membros analisaram uma grande produção de pesquisas, levando a diversos questionamentos sobre nossos caminhos futuros, estes são expressos em diversos estudos que já se revelam em encontros e congressos.

Em uma segunda problemática, aponto também os avanços da Inteligência Artificial e sua mudança rápida não apenas no mundo das profissões que englobam comunicação como também na área da pesquisa. Durante o ano de 2025, diversos encontros tiveram em suas propostas repensar comunicar como ato.

Dentro das oportunidades, justificativas e problematizações acima citadas, contínuo o trabalho de repensar o papel da oralidade na folkcomunicação, partindo da hipótese que enquanto o mundo se automatiza, a folkcomunicação deve continuar a cumprir o papel que faz desde quando foi criada: nadar contra a maré, de mãos dadas com as margens. Estudar a oralitura é a terceira parte de um projeto sobre as formas de oralidade e a folkcomunicação, que já apresentou propostas na fase regional e nacional do Intercom 2025. Com ele, busco em

diversos escritores e pautas das Ciências Sociais e Humanas intersecções que podem ser proveitosa à práxis das metodologias da oralidades da pesquisa folk.

Destarte, a pesquisa em questão tem como objetivo geral costurar os elementos da oralitura como ferramenta folkcomunicacional a partir de exemplos práticos. Subsequente, os objetivos específicos são observar a performance como elemento da taxonomia da folkcomunicação e apresentar a oralitura como parte de estudos em comunicação a partir da transdisciplinaridade e interseccionalidade.

A metodologia proposta fundamenta-se como um trabalho qualitativo e exploratório realizado através de uma revisão de literatura integrativa sobre ambos os termos, buscando sintetizar os pontos de encontro e formas práticas de aplicação da oralitura no estudos dos meios de comunicação popular.

A construção do referencial teórico toma por base definitiva quatro textos: o livro seminal da teoria folkcomunicação, escrito por Luiz Beltrão originalmente em meados de 1960, em sua edição de 2014, o estudo sobre a Taxonomia da Folkcomunicação, pensada por Marques de Melo (2005; 2008). Quanto à oralitura, foram considerados dois estudos: o livro Afrografias da Memória (1997) e o artigo Performances da oralitura: corpo, lugar de memória (2003).

Parte do processo de revisão de literatura integrativa está em conferir nos repositórios acadêmicos a quantidade de vezes que os termos oralitura e folkcomunicação apareceram juntos. Nele, há um certo caráter quantitativo, pois serão observados: os números de trabalhos, a região dos autores e objetos de pesquisa, assim como a forma com que a intersecção se deu.

Por fim, a intersecção entre as oralituras e a folkcomunicação foram analisadas em trabalhos transdisciplinares e interseccionais que trabalham ambos os conceitos de uma forma ou de outra. A iniciar pela questão da ideologia dos poetas populares (Campos, 1959), trabalho essencial para construção teórica realizada por Luiz Beltrão (2014), a passar pelas oralituras dos Congados Mineiros, estudo seminal realizado por Leda Maria Martins que inaugurou a oralitura como termo e o trabalho sobre transmasculinidades em teatros na cidade de São Paulo, realizado por Menezes (2024) que utilizou termos da escrita da oralitura, com foco na transcrição.

Em caminho oposto, trago a minha dissertação de mestrado como exemplo de pesquisa essencialmente folk realizada pelas lentes da oralitura como meio de campo e análise. Nela, foram criadas as oralituras tecidas nas camadas populares participantes do carnaval do Recife

e de Olinda com a ideia de criar um mapa da memória urbana da cidade através do diálogo e do processo de transcrição das oralidades (Maciel, 2025).

Nessas pesquisas sugeridas como análise da prática foram observados como a oralidade aparece, se existe ou não a intersecção entre oralitura e folkcomunicação e formas de inspiração acadêmica realizadas através do encontro e que podem ser reproduzidas.

Análises prévias apontam para confirmar o pioneirismo beltraniano com a folkcomunicação, uma vez que seu trabalho apresentava fortes tons de oralitura, termo que foi oficialmente cunhado apenas no final da década de 1990. Também revela a necessidade de pensar novos caminhos de escrever a experiência de campo ao lidar com o popular: a escrita da oralitura e o seu espaço de transcrição da experiência pode enriquecer a pesquisa folk através da sua capacidade de transmitir as performances, a corporificação da fala e o saber das frechas da sociedade.

O trabalho ainda em construção, como expresso em momento anterior, é a terceira parte de uma grande pesquisa de oralidades. A escolha de apresentá-lo no GT 1 fundamenta-se na necessidade de consolidar os diálogos teóricos que vêm sendo tecidos entre a folkcomunicação e os estudos contemporâneos de performance e cultura popular.

REFERÊNCIAS

- AMPHILO, Maria Isabel. Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18818>. Acesso em: 21 set. 2025. p. 1-22.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e de fatos e expressões de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 247p
- CAMPOS, R. B. **Ideologia dos poetas populares.** Recife: Massangana, 1959.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EdUSP, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PucRio, 2016.
- MACIEL, Maria Paula. **Pelas ruas eu vou:** o carnaval do Recife e Olinda como lieu de mémoire urbano. 196 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2025.
- Martins, Leda Maria. **Afrografias da memória:** o reinado do Rosário de Jatobá. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MELO, J.M. **Taxionomia da Folkcomunicação:** gêneros, formatos e tipos 1 José Marques de Melo. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, INTERCOM/UERJ, 6-9 setembro de 2005. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R3094-1.pdf>. Acesso em 9 jul. 2025.

MELO, J. M. **Coleção comunicação.** São Paulo: Paulus, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. **O cão sem plumas.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em 8 jul. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas Miudinhas:** ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. 2^a ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

Schchner, R. Between **Theater and Anthropology**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985.

_____. **Performance Theory.** London: Routledge, 1994.